

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

MILENA LIMA QUESADA

**O papel da Nova Rota da Seda na promoção de segurança internacional e  
cooperação econômica no Oriente Médio**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Relações Internacionais  
da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
(PUC-SP), como exigência parcial para a  
obtenção do título de Bacharel em Relações  
Internacionais. Orientador: Prof. Dr. Laerte  
Apolinário Júnior.

São Paulo

2025

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus avós, pelo apoio incondicional durante toda minha trajetória. Agradeço também à minha família por todo carinho, amor e suporte, e, também, por terem me incentivado em todos os momentos. Em especial, agradeço à minha companheira Beatriz, por estar ao meu lado sempre; muito obrigada por toda nossa história e por acreditar em mim. Agradeço às minhas amigas e amigos, que fizeram parte da minha graduação e também aqueles que me acompanharam fora dela.

Gostaria de agradecer meu orientador Laerte Apolinário Júnior, por toda orientação e acompanhamento nessa etapa importante da minha trajetória acadêmica. Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha formação, e mudaram a forma a qual vejo o mundo.

E, por fim, agradeço a todos aqueles que fizeram parte da minha história.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar a política externa chinesa através da Nova Rota da Seda, também conhecida como *Belt and Road Initiative*, uma ambiciosa iniciativa de cooperação apresentada pelo presidente Xi Jinping em 2013, como uma ferramenta de promoção de segurança internacional. Busca-se analisar como o projeto atua como promotor de cooperação internacional e, se, a BRI estabelece um pilar de segurança e promoção de paz no Sistema Internacional, em especial nos países do Oriente Médio. Com isso, a pesquisa aborda a atuação da China no Sistema Internacional e analisa as consequências da BRI e da presença chinesa na região do Oriente Médio, mais especificamente no Irã, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos. A pesquisa é dividida em três capítulos: i) contextualização histórica e análise da política externa do atual presidente da China, Xi Jinping; ii) desdobramentos da *Belt and Road Initiative*, no que se consiste o projeto; iii) a BRI como promotora da cooperação e promoção de segurança e paz, com foco na região do Oriente Médio. Como resultado, a pesquisa sugere que a China ativamente transforma as configurações geopolíticas existentes através da sua atuação internacional e promove certa estabilidade regional.

**Palavras chaves:** China. Xi Jinping. Nova Rota da Seda. Política Externa. Segurança Internacional. Cooperação Internacional.

## ABSTRACT

This work aims to study Chinese foreign policy through the New Silk Road, also known as the Belt and Road Initiative (BRI), an ambitious cooperation initiative presented by President Xi Jinping in 2013, as a tool for promoting international security. It seeks to analyze how the project acts as a promoter of international cooperation and whether the BRI establishes a pillar of security and peace promotion in the international system, especially in the Middle East. Therefore, the research addresses China's role in the international system and analyzes the consequences of the BRI and the Chinese presence in the Middle East region, more specifically in Iran, Saudi Arabia, and the United Arab Emirates. The research is divided into three chapters: i) historical context and analysis of the foreign policy of the current president of China, Xi Jinping; ii) developments of the Belt and Road Initiative, outlining the project; iii) the BRI as a promoter of cooperation and the promotion of security and peace, focusing on the Middle East region. As a result, research suggests that China is actively transforming existing geopolitical configurations through its international actions and it promotes a certain degree of regional stability.

**Keywords:** China, Xi Jinping, New Silk Road, Foreign Policy, International Security, International Cooperation.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1- Os seis corredores econômicos da Iniciativa do Cinturão e da Rota.....	19
Figura 2 - Países da Iniciativa Cinturão e Rota.....	21
Figura 3 - Finanças e investimentos da China na Iniciativa do Cinturão e Rota.....	24
Figura 4 - Compromisso de investimento da China BRI 2013-2025 H1.....	25

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Governança da Iniciativa Cinturão e Rota (ICR).....	22
Quadro 2 - Análise sobre os impactos da Nova Rota da Seda no Irã, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos .....	37

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIIB	Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura
ASEAN	Associação das Nações do Sudeste Asiático
BRI	<i>Belt and Road Initiative</i>
BRICS	Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
CECACO	Corredor Econômico China-Ásia Central e Ocidental
CEBCIM	Corredor Econômico Bangladesh-China-Índia-Mianmar
CECMR	Corredor Econômico China-Mongólia-Rússia
CECP	Corredor Econômico China-Paquistão
CECPI	Corredor Econômico China-Península da Indochina
EAU	Emirados Árabes Unidos
EUA	Estados Unidos da América
PCCh	Partido Comunista Chinês
PE	Política Externa
NPE	Nova Ponte Terrestre Eurasiática
OBOR	<i>One Belt, One Road</i>
OM	Oriente Médio
ONU	Organização das Nações Unidas

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1. A POLÍTICA EXTERNA DA CHINA E XI JINPING (2012-2025).....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 2. A INICIATIVA DA NOVA ROTA DA SEDA NO CONTEXTO INTERNACIONAL.....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 3. SEGURANÇA NO ORIENTE MÉDIO: A PRESENÇA DA CHINA NO ORIENTE MÉDIO E A PROMOÇÃO DE SEGURANÇA NA REGIÃO.....</b>	<b>26</b>
3.1 Irã.....	30
3.2 Arábia Saudita.....	32
3.3 Emirados Árabes Unidos.....	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>39</b>

## INTRODUÇÃO

A ascensão da China é um tema que tem sido bastante discutido nas últimas décadas e cuja relevância aumenta gradativamente no cenário internacional atual. O desenvolvimento estrondoso e acelerado do país chama a atenção de diferentes atores da comunidade internacional, como Governos, organizações internacionais, empresas multinacionais, bem como analistas internacionais e pesquisadores, por exemplo. Nesse sentido, é notório observar que, embora esse salto econômico produza muitos benefícios e cooperações econômicas, fortalecendo relações e parcerias comerciais entre diversos países, esse fenômeno também é debatido em múltiplas faces, sobre qual seria a verdadeira intenção da China dividindo opiniões acerca das consequências e dos verdadeiros interesses do Partido Comunista Chinês (HONG, 2016). Nesse sentido, este trabalho busca analisar a política externa (PE) chinesa pós Mao Zedong, e com ênfase na política contemporânea de 2012 a 2025, bem como estudar a “Nova Rota da Seda” como instrumento de influência, segurança, diplomacia e cooperação econômica para o desenvolvimento, voltada à promoção do bem-estar e da paz, promovida pelo líder Xi Jinping.

Essa pesquisa tem como principal objetivo analisar a Nova Rota da Seda como uma das principais ferramentas de política externa chinesa do governo atual do líder de Estado Xi Jinping, que ocupa o cargo desde 2012. Além disso, como objetivo secundário, este trabalho busca entender a ascensão e a política externa da China, bem como estudar os espaços e dinâmicas globais que o país ocupa e tem influência. Em um mundo globalizado e interconectado, é imprescindível entender como as grandes potências se comportam e interagem com os países em desenvolvimento. Portanto, este projeto entende que a boa relação, a cooperação e a conexão entre os países são fundamentais para o desenvolvimento econômico e da sociedade civil. Assim, entende-se ser fundamental o estudo sobre o funcionamento do ambicioso projeto da Nova Rota da Seda, analisando toda sua estrutura, além de estudar o papel dos projetos e de cooperações internacionais, até as consequências efetivas para os atores envolvidos.

De forma direta, a pesquisa também tem como objetivo estudar o pilar da segurança que a Nova Rota da Seda carrega intrinsecamente ao longo do projeto. Ao analisar o espaço que a China ocupa no sistema internacional, é notório que um dos grandes debates que emergem é sobre a competição com os Estados Unidos, acarretando um possível interesse da China ao ser um novo poder hegemônico substituindo os EUA na ordem internacional vigente, por exemplo. Para tanto, será analisada a presença do Estado chinês no Oriente

Médio, região historicamente conflituosa e ocupada por poderes estrangeiros, forte e estrategicamente relacionada à política externa dos Estados Unidos. Nesse sentido, a principal questão é: De que modo a nova Política Externa de Xi Jinping e a Rota da Seda implicam nas questões de segurança no Oriente Médio?

Esta é uma pesquisa qualitativa e explicativa, que busca entender e analisar a Nova Rota da Seda como uma ferramenta da política externa chinesa, para além do âmbito econômico e diplomático. A escolha da metodologia qualitativa é pela sua relevância nos estudos de segurança e política externa. Para isso, procura-se analisar e descrever o espaço e as dinâmicas globais que estão sob a influência da China, a partir de uma pesquisa de revisão bibliográfica, análise de documentos oficiais, relatórios de Bancos e Organizações Internacionais, posições e pronunciamentos do governo chinês, dados de pesquisas e artigos acerca da política externa chinesa e, especialmente, sobre a *Belt and Road Initiative*. O trabalho foi desenvolvido em um recorte temporal a partir de 1949, com ênfase nos anos pós 2012, datando a ascensão do líder chinês Xi Jinping e a implementação da Nova Rota da Seda em 2013. Desse modo, esta pesquisa busca contribuir com os estudos de Relações Internacionais, sobre política externa da China e segurança no Oriente Médio.

O primeiro capítulo dessa pesquisa é uma revisão de literatura sobre a política externa chinesa antes da ascensão do Líder de Estado Xi Jinping, que assumiu o poder do Partido Comunista Chinês em 2012. Nesse sentido, são examinados pontos fundamentais sobre a atuação internacional chinesa na chamada “Nova Era”, marcada pela sua estrondosa ascensão nos últimos anos, além da discussão de conceitos políticos como o “Sonho Chinês”, por exemplo, evidenciando suas motivações, propostas, objetivos e implicações geopolíticas desses planos. Assim, este capítulo serve de base teórica para entender a política externa contemporânea da China, frente a governança do líder Xi Jinping para o sistema internacional no Século XXI.

O segundo capítulo visa estudar e entender, de maneira mais ampla, todo o projeto da iniciativa da Nova Rota da Seda, focando em seus principais aspectos: i) no que se consiste no projeto; ii) quais são suas motivações e os objetivos; iii) quais são os países e regiões envolvidas; vi) quais são os mecanismos de governança e de financiamento da iniciativa. O objetivo central deste capítulo é analisar a institucionalização do projeto, e a BRI como instrumento de política externa chinesa voltada à cooperação internacional, a configuração da China como ator primordial nas relações internacionais e a ampliação de influência do país em uma suposta “nova ordem internacional”.

Por fim, o terceiro capítulo é estruturado por um estudo de caso sobre a presença da China no Oriente Médio, em destaque à região do Golfo, entendendo seu posicionamento geopolítico na região, destacando a presença de Pequim em países-chave como o Irã, a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos. O objetivo central deste capítulo é avaliar os impactos geopolíticos dessa presença chinesa no sistema internacional. A escolha desses países se dá pela motivação em entender, de forma abrangente e estratégica, a questão da promoção de segurança e estabilidade na região, visto que é uma área fundamental para as dinâmicas políticas e econômicas das relações globais, principalmente devido à demanda de petróleo e energia e, também, sobre a influência das potências internacionais na região. A investigação demonstra como a Nova Rota da Seda, ao promover acordos bilaterais, cooperação entre os países, investimentos financeiros e mediação diplomática, interfere nos países do Oriente Médio, e, também, analisa a atuação chinesa no papel de resolução de conflitos e a promoção da estabilidade securitária regional.

## CAPÍTULO 1. A POLÍTICA EXTERNA DA CHINA E XI JINPING (2012-2025)

Em primeira análise, é fundamental entender como a Política Externa chinesa foi moldada, compreendendo o passado político do país e como as interferências externas foram um fator chave para a transformação da atual China como grande potência. A história milenar do país é marcada por diversas Dinastias e Impérios que perpetuaram até o ano de 1912 marcando o fim dessa Era com a Revolução Xinhai, que depôs o Imperador Pu Yi e deu início à República da China. Porém, foi em 1949, com a Revolução Comunista, promovida pelo líder supremo Mao Zedong, que o país iniciou seu processo de desenvolvimento. Após o “Século da Humilhação”, décadas de interferência e domínio estrangeiro no país, por exemplo pelo Reino Unido e Japão, Mao realizou mudanças e políticas internas radicais, com fundamentos econômicos, tecnológicos e culturais que acarretaram a transformação de uma China agrária e rural para uma grande potência mundial (GUERSONI, s.d.).

Nesse sentido, também em contexto da Guerra Fria, a partir dos anos 1960 foi reformulado e construído um novo cenário político, tanto interno e quanto externo da China, principalmente em relação às relações com os demais países do cenário internacional com a aproximação e prioridade ao estabelecer laços profundos com os países de menor desenvolvimento (MONTENEGRO, 2019). Um dos marcos da diplomacia chinesa foi a visita do premier Zhou Enlai à África em 1953, o qual acarretou os princípios de cooperação pacífica, que são as bases da política externa chinesa até os dias atuais<sup>1</sup>. Para Brown (2007), os Cinco Princípios - respeito mútuo à soberania e à integridade territorial, não agressão, não interferência nos assuntos internos, igualdade e benefício recíproco, além da convivência pacífica, - tornaram-se o mantra na qual a política externa chinesa e as relações gerais do país com o resto do mundo foram construídas (BROWN *apud* MONTENEGRO, 2019).

Nesse sentido, ainda de forma tímida e sem concreta abertura econômica internacional, pode-se destacar como fundamental à aproximação e bom relacionamento com os países subdesenvolvidos. Como exemplo, a sua atuação na Conferência de Bandung de 1955, fundamental encontro marcado pelos países recém-descolonizados considerados do “Terceiro Mundo”, vindos da Ásia e da África. Unidos por características e interesses em comum, como a luta anti-imperialista e colonizadora, antirracista e a favor do desarmamento nuclear, por exemplo, os países marcaram o mundo com a construção do movimento dos Não-Alinhados e o primeiro passo para a Cooperação Sul-Sul (MONTENEGRO, 2019).

---

<sup>1</sup>TRÊS viagens do primeiro-ministro Zhou Enlai a países asiáticos e africanos. [S. l.], [S.d]. Disponível em: [https://www.fmprc.gov.cn/eng/zy/wjls/3604\\_665547/202405/t20240531\\_11367543.html](https://www.fmprc.gov.cn/eng/zy/wjls/3604_665547/202405/t20240531_11367543.html). Acesso em: 29 ago. 2025.

Após a morte de Mao Zedong, Deng Xiaoping assumiu o cargo de líder supremo do Estado chinês em 1978. O então líder promoveu diversas reformas políticas e estruturais, tanto no âmbito externo quanto no âmbito interno do país, que alteraram significativamente o rumo que a China estava seguindo. Nesse sentido, apesar da descentralização na costa do país, o Estado ainda tinha um papel central. Porém, Deng abriu a economia chinesa para o mercado internacional e criou as Zonas Econômicas Especiais, centros de comércios variados que são caracterizadas por uma área geográfica definida, gestão local, benefícios exclusivos e procedimentos alfandegários e administrativos separados (CRANE *et al*, 2018). Assim, o modelo econômico chinês era descrito como “um socialismo com características chinesas”.

Para tanto, é importante destacar que, durante a Era da Reforma, de 1978 a 2013, os líderes chineses buscaram projetar uma imagem internacional da China de modo que o país não fosse considerado uma ameaça aos Estados, evidenciando que seu foco estava em atender às demandas políticas e seu desenvolvimento interno, e não em transformar o país a estar apto para entrar na competição internacional (FULTON, 2019).

Entretanto, o Massacre da Praça Celestial (1989), onde diversos manifestantes civis foram brutalmente mortos pela repressão do governo, repercutiu muito negativamente no cenário internacional, degradando a imagem da China. Nesse sentido, Deng Xiaoping optou por adotar um perfil mais discreto, ou “baixo perfil”, que colocava a China em uma ascendência sem chamar muita atenção. Ou seja, significa “observar com calma; garantir nossa posição; lidar com os assuntos com calma; esconder nossas capacidades e esperar nosso tempo; ser bom em manter um perfil baixo; e nunca reivindicar liderança” (BROWN *apud* MONTENEGRO, 2019).

Com Jiang Zemin no poder, de 1993 a 2003, a China continuou com a política de baixo perfil, porém insistiu ainda mais na sua inserção no sistema global. Com o foco em instituições internacionais e multilaterais, a entrada da China na Organização Mundial do Comércio foi uma virada de chave central para o país, marcando sua participação em instituições de governança internacional.

Assim, não diferente de seus antecessores, Hu Jintao buscava incorporar à China relações de ganho mútuo, relacionadas à “moderação e cuidado”, manter um perfil baixo (fazer o país crescer, mas de modo que não chame atenção internacionalmente) e, principalmente, ao “desenvolvimento pacífico” (MONTENEGRO, 2019). Além disso, foi durante o governo de Hu que a China expandiu seu *softpower* (NYE, 2004), ou poder brando cuja ampliação de sua influência se difere do poderio bélico, com as Olimpíadas em 2008, a diplomacia cultural, crescendo assim sua influência e melhora da imagem do país no cenário

internacional. Com isso, no segundo mandato do presidente Hu Jintao (2008-2013), as reformas econômicas já tinham sido tão bem sucedidas que certas análises argumentam que a abordagem de “esconder e esperar a hora certa” estava sendo abandonada por uma China recém-assertiva (FULTON, 2019).

No entanto, a ascensão de Xi Jinping ao poder em 2012 marcou uma nova fase na política externa do país, caracterizada por uma postura mais assertiva e por uma busca ativa de protagonismo no sistema internacional. Apesar de seu posicionamento forte se diferenciar de seus antecessores, Xi não rompeu diretamente com os padrões e políticas anteriores. Ao assumir a liderança do Partido Comunista Chinês (PCCh) em 2012, Xi determinou suas prioridades: combater a corrupção que assombrava o PCCh e, também, construir um governo em que o Partido servisse ao povo chinês (ECONOMY, 2018). Agora, as ideias de uma "Nova Era" são consolidadas pela transição de uma China como potência regional, para uma potência global e central para as relações e o sistema internacional. A busca de um maior protagonismo no cenário global está ligada com a política enraizada de desenvolvimento pacífico, porém, com um teor mais assertivo que de outros presidentes.

Contudo, apesar da política externa de Xi Jinping ser uma estratégia distinta, esta não se distancia dos seus antecessores pós Guerra Fria. Desde 1992 os líderes chineses adotaram três diferentes formas de atingir esse objetivo, refletindo nas mudanças econômicas e capacidades militares, o contexto internacional que a China enfrenta e a resposta à política externa. Em primeiro lugar, Xi continuou com os esforços para tranquilizar outros Estados sobre as intenções pacíficas da China em ascensão. Em segundo lugar, o presidente fez com que o país passasse da retórica à ação na promoção da reforma de uma ordem internacional, esta que facilitou a ascensão do país. Terceiramente, diferente de seus antecessores, ele tem demonstrado ser mais consistente em enfrentar os desafios que o Partido Comunista Chinês define como os interesses centrais do país (GOLDSTEIN, 2020).

Segundo Heiermann (2022), além de fatores mais gerais como a reestruturação doméstica e internacional, o papel da burocracia doméstica chinesa, a maior centralização, hierarquização e consolidação do poder interno de Xi Jinping, favoreceram e impulsionaram a condução da política externa chinesa, antes de baixo perfil, para uma política mais assertiva principalmente quanto o sistema internacional.

A política atual deve ser compreendida em um contexto de uma grande estratégia nacional, que busca alinhar objetivos políticos, econômicos, tecnológicos e ideológicos em torno da construção de uma China próspera. Desse modo, a formulação dessa estratégia não deve ser analisada por uma única lente, pois ela combina diferentes camadas econômicas,

políticas e sociais, articuladas na ideia de um pensamento sinocêntrico, distanciando do modelo ocidental. Desse modo, o retorno do nacionalismo chinês nos discursos do Partido, a partir da memória do Século da Humilhação, passou a justificar o ideal de “rejuvenescimento nacional” para justificar sua legitimidade política e adotar uma postura mais assertiva internacionalmente. Essa ideia apresenta a ruptura da política de “baixo perfil”, substituindo-a para uma abordagem proativa e com foco na população chinesa. Segundo o presidente Xi Jinping (2012), o “Sonho da China” reuniu a aspiração de muito tempo de diversas gerações de chineses, representa os interesses gerais da nação e do povo chineses e vem sendo a expectativa comum de cada chinês, observando que o bem-estar das pessoas se baseia na força do país e na prosperidade da nação.

“*The Chinese Dream*” ou o “Rejuvenescimento Nacional”, é um conceito e ambição política, tanto interna quanto externa, de Xi Jinping em transformar a China em uma potência global, que concilia a modernização do país e desenvolve melhorias para a condição de vida do povo chinês, como uma retrospectiva sobre a nação chinesa, uma celebração de seu presente e uma declaração sobre seu futuro, de acordo com a Embaixada da República Popular da China na República de Moçambique. Segundo o presidente em seu discurso feito na exibição “*The Road To Rejuvenization*”, em 2012, alcançar o rejuvenescimento da nação chinesa tem sido o maior sonho do povo chinês desde o advento dos tempos modernos. Este sonho personifica a esperança acalentada por várias gerações do povo chinês, expressa os interesses gerais da nação chinesa e do povo chinês e representa a aspiração compartilhada de todos os filhos e filhas da nação chinesa.

Para Zhang (2015), a diplomacia chinesa entrou em uma nova fase que pode ser definida como "Ascensão Pacífica 2.0", que se difere das políticas externas anteriores ao ser mais assertiva e não esconder suas capacidades. Xi Jinping atua na defesa dos interesses nacionais como um princípio fundamental de sua política, e apresenta uma China mais determinada em defender os seus interesses (ZHANG, 2015). Como exemplo, de acordo com a *China International Development Cooperation Agency*, no discurso de Xi Jinping no Dia da Vitória, em 3 de setembro de 2025, evento que marcou o 80º aniversário da vitória chinesa na Guerra de Resistência do Povo Chinês contra a Agressão Japonesa e na Guerra Mundial Antifascista em Pequim, houveram diversos helicópteros com os cartazes "A Justiça Prevalece", "A Paz Prevalece" e "O Povo Prevalece", sobrevoando o desfile militar, reforçando a ideia de que o povo chinês deu uma importante contribuição para a salvação da civilização humana e a defesa da paz mundial.

Desse modo, um dos maiores exemplos dessa assertividade da política externa de Xi Jinping é o fortalecimento da presença chinesa na Organização das Nações Unidas, tanto pelo aumento em financiamentos e contribuições financeiras, quanto por uma maior participação e atuação em operações de manutenção da paz. Para Soares (2023), participar das *Peacekeeping Operations* faz com que a China projete uma imagem de player mais ativo na segurança global e de provedor de bens públicos nesse campo, o que a aproxima das grandes potências. Nesse sentido, o investimento chinês com foco em ampliar sua presença em organismos multilaterais, principalmente focando em *peacekeeping*, revela não apenas uma tentativa de construir uma imagem de uma “potência mais responsável”, mas, também, de ampliar sua influência diplomática. Segundo a *China International Development Cooperation Agency*, a China se consolidou como o maior contribuinte de tropas entre os membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, com o envio de mais de 5.000 soldados e a manutenção de uma força permanente de cerca de 8.000 militares prontos para serem mobilizados em missões de paz, o que a torna um ator fundamental para essas missões.

Nesse contexto, não somente a presença na ONU revela uma maior atuação da China no sistema internacional, mas, principalmente, o crescimento da sua interação e investimento em instituições multilaterais internacionais alternativas, como o Novo Banco de Desenvolvimento (Banco dos BRICS), por exemplo. A atuação dentro dessas Organizações reforça o país tem buscado reformular e fortalecer instituições multilaterais, alinhado a ideia de governança global, articulando-se com outras iniciativas internacionais, em nota a Organização para a Cooperação de Xangai (OCX), União Econômica Euroasiática e a ASEAN (PAUTASSO; UNGARETTI, 2017). Além disso, de acordo com Economy (2018), ao criar o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB), sua intenção era expandir sua esfera de influência na Ásia Central e, em seguida, na Eurásia, liderando a OCX e tentando construir um sistema de segurança chinês diminuindo a influência dos Estados Unidos na região Pacífico-Asiática.

Paralelamente, é notório que a China, historicamente, tem se projetado como uma liderança do chamado Sul Global, fortalecendo relações com os países em desenvolvimento de todas as regiões do mundo, em especial, na Ásia, África, América Latina e Oriente Médio. Esse estreitamento de laços não reflete apenas uma lógica de ampliação e diversificação de mercados e acesso a recursos naturais e energéticos, mas, também, uma narrativa política de cooperação e desenvolvimento entre os países do Sul Global.

Em síntese, a política externa chinesa apresenta uma trajetória de continuidade estratégica, mas também de reinvenção diante das transformações do sistema internacional. A

difusão da política de “baixo perfil” para uma política externa mais assertiva no âmbito econômico, diplomático e militar, evidencia como o país passou de uma posição defensiva e “escondida” no sistema internacional, para uma agenda de proatividade e centralidade nas relações globais entre diferentes Estados e Instituições multilaterais. Desse modo, é apresentado que o princípio de desenvolvimento pacífico e o pilar da segurança são fundamentais para a China atual, tanto em um aspecto interno quanto externo. Assim, compreender a política externa chinesa contemporânea requer analisá-la por múltiplas óticas, não apenas como um instrumento de projeção de poder, mas como um mecanismo de legitimação interna, construção identitária e reposicionamento estrutural dentro da governança global.

Entretanto, apesar dos grandes números econômicos e da sua estrondosa projeção internacional, o rápido desenvolvimento chinês também infunde desafios significativos a curto e longo prazo para as lideranças chinesas. Em um aspecto internacional, a rivalidade estratégica com os Estados Unidos e conflitos fronteiriços e regionais, como no caso da Índia e as tensões no Mar do Sul da China e Taiwan, respectivamente, geram um emblema sobre a ascensão e desenvolvimento pacífico que é apresentado. Além disso, as Mudanças Climáticas também são uma questão muito importante para o contexto de ascensão chinesa, visto que o país é um dos maiores emissores de gases de efeito estufa no mundo (OGLOBO, 2025).

Em síntese, os objetivos e os desafios que culminam no projeto de desenvolvimento pacífico chinês implicam em uma série de dinâmicas as quais Xi Jinping conduz o país dentro do sistema internacional vigente e refletem um esforço estratégico para reposicionar o país dentro da ordem internacional, sem recorrer a confrontos diretos com as potências hegemônicas. Essa política combina a busca pela estabilidade interna, garantia de segurança energética, uma projeção internacional positiva e uma diplomacia que privilegia a diversificação da economia e parceiros estratégicos. Assim, o reposicionamento de Xi Jinping revela a tentativa de estabelecer o desenvolvimento interno chinês, e perpetuar um maior protagonismo internacional frente às Instituições Internacionais e à governança global, e a manutenção de uma dinâmica de poder a qual a ordem multipolar compartilha do desenvolvimento e da cooperação internacional.

## CAPÍTULO 2. A INICIATIVA DA NOVA ROTA DA SEDA NO CONTEXTO INTERNACIONAL

A ambiciosa iniciativa promovida pelo presidente Xi Jinping é inspirada na “Antiga Rota da Seda”, conjunto de vastas rotas comerciais, terrestres e marítimas, que ligavam a China a diversas regiões do mundo, como a Eurásia e a África, por exemplo. A seda, tecido produzido por técnicas milenares chinesas a partir do Bicho-da-Seda, foi um produto extremamente importante. Segundo o *website* da UNESCO, as Rotas da Seda tiveram um papel fundamental não somente para trocas comerciais, mas principalmente para o intercâmbio cultural e intelectual que acontecia entre diferentes povos e cidades que contemplavam a Rota, assim diferentes culturas exerciam influências umas nas outras e disseminavam ciências, artes e literaturas.

A Nova Rota da Seda, mais conhecida como “*Belt and Road Initiative*” (BRI) ou “*One Belt, One Road*” (OBOR) em inglês, é considerada por muitos estudiosos como o projeto mais ambicioso de política externa da China. Em setembro de 2013, o presidente Xi Jinping, enquanto estava visitando o Cazaquistão, propôs a construção e o desenvolvimento de uma nova rota comercial e cooperação econômica inter-regional que ligasse a China à Ásia, à Europa e à África (HONG, 2016). Ainda no mesmo ano, o líder Xi Jinping enquanto estava em conferência na Indonésia, fez mais uma vez uma chamada, porém dessa vez voltada para a construção da “*21st Century Maritime Silk Road*”, em português traduzida para “Rota da Seda Marítima do Século 21”, (HUANG, 2016). Segundo o artigo “A Nova Rota da Seda Marítima do Século XXI”, escrito pela professora Fernanda Ilhéu, esta iniciativa tem um forte componente economicista e pretende alcançar uma nova fase da globalização mundial, respeitando, no entanto, a filosofia confucionista de Harmonia no Mundo e na Sociedade Global.

Segundo o *Belt and Road Portal*, a letra “B” da abreviação “BRI” se refere ao cinturão econômico por vias terrestres da Nova Rota da Seda, enquanto a letra “R” faz referência à Rota da Seda Marítima do Século 21. O “*One Belt, One Road*” significa que a união desses transforma a iniciativa em uma só, com um propósito em comum sobre a cooperação.

De acordo com o artigo “*China's One Belt One Road: An Overview of the Debate*”, de Zhao Hong, o próprio governo chinês prefere o uso do termo “iniciativa” ao invés de “estratégia” ou “programa” para se referir ao BRI. Segundo Hong, Pequim enfatiza que há uma grande diferença entre esses termos, enquanto “iniciativa” traz o significado de uma chamada para ação, geralmente usada para o bem público, que requer a cooperação dos

membros para tal motivação, por outro lado “estratégia” é um plano de ação para alcançar objetivos específicos e que geralmente são utilizados se opondo a bens públicos. Os projetos dessa nova iniciativa envolvem o desenvolvimento de infraestrutura, como o setor portuário, transporte de gás e óleo, desenvolvimento da comunicação e energia.

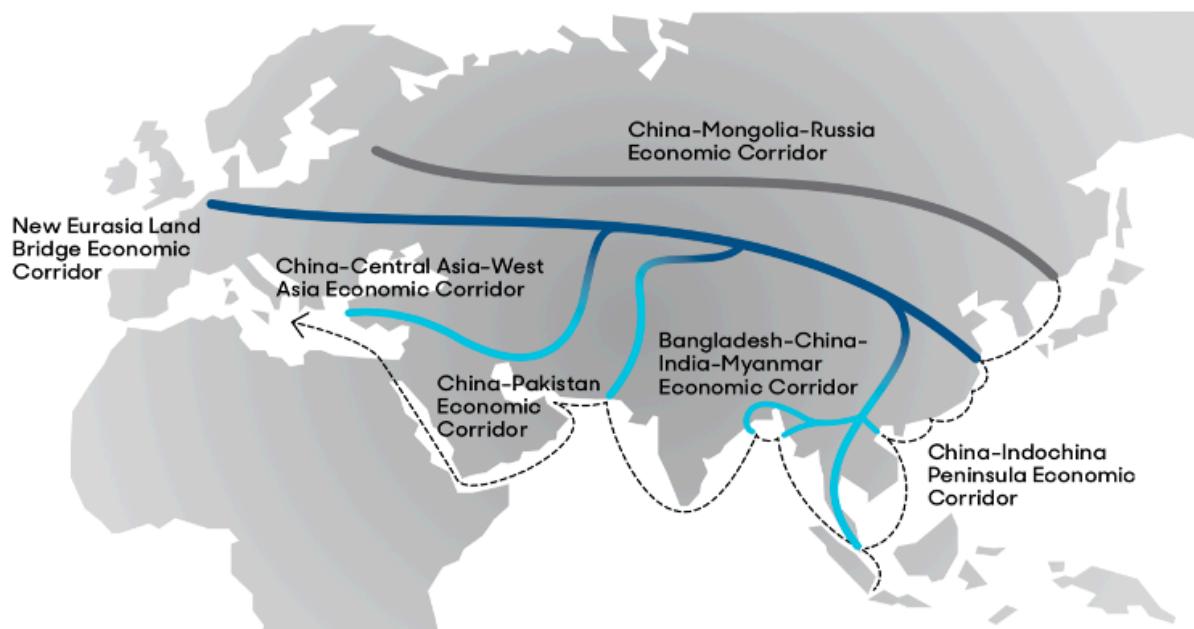
A *Belt and Road Initiative* é movida por cinco principais princípios, sendo estes, de acordo com o documento oficial *Visions and Actions Jointly Building Silk Road Economic Belt and 21st Century Maritime Silk Road*: i) respeito mútuo pela soberania e integridade territorial de cada um; ii) não agressão mútua; iii) não interferência mútua nos assuntos internos de cada um; iv) igualdade e benefício mútuo; e v) coexistência pacífica. A BRI promove a conectividade dos países por meio de infraestrutura e instalações (como portos e redes de telecomunicações), a integração financeira, bem como o livre comércio, por exemplo. Além das missões citadas, o foco da BRI se divide em oito campos: conectividade de infraestrutura, cooperação econômica e comercial, cooperação em investimentos industriais, cooperação em recursos energéticos, cooperação financeira, intercâmbios culturais e entre povos, cooperação ecológica e ambiental e cooperação marítima (SHANG, 2019 *apud* BERNARDI, 2023 p. 20).

Segundo Pautasso e Ungaretti (2017), a Nova Rota da Seda cumpre diversificados objetivos articulados para a China, em diferentes aspectos. Em primeiro lugar, o fortalecimento das relações com outros Estados e a inserção de projetos de infraestrutura criam uma demanda para a supercapacidade em ócio da indústria nacional chinesa. Em segundo plano, amplia a segurança nacional em recursos naturais e alimentares, sobretudo em recursos energéticos. Em terceiro, impulsiona e externaliza a internacionalização de empresas chinesas e exportação de serviços (de engenharia, por exemplo). Em quarto lugar, fortalece o comércio regional e o papel gravitacional da China, redimensionando o sistema sinocêntrico. Em um quinto aspecto, estabiliza e securitiza a China a partir do desenvolvimento e da integração (inter)regional. Como um último aspecto, promove transações comerciais através do renminbi (moeda chinesa), tornando esta uma reserva de valor e meio de comércio corrente (PAUTASSO; UNGARETTI, 2017)

Como citado anteriormente, o grande projeto visa conectar a China a diferentes localidades, como diferentes regiões da Ásia, à Europa e à África. Dessa forma, foram estabelecidos construídos seis corredores econômicos internacionais que facilitam a iniciativa logística, além de promover investimentos e suportes de infraestruturas, compartilhamento de tecnologias, trocas culturais e cooperação diplomática entre os países. Assim, torna-se

fundamental o detalhamento de cada um dos corredores para uma melhor compreensão do Cinturão acerca de sua estrutura.

**Figura 1- Os seis corredores econômicos da Iniciativa do Cinturão e da Rota**



Fonte: Aspen Institute, 2019

A Nova Ponte Terrestre Eurasiática (NPE) não foi instaurada com a criação da Nova Rota da Seda, mas sim, na década de 90, e está sendo impulsionada pela Iniciativa atualmente. Conforme o *site* do Escritório de Informações do Conselho Estatal da China, a NPE liga o Pacífico e o Atlântico, facilitando trocas comerciais entre os países da Rota entre a Ásia e a Europa, com uma ligação ferroviária de 10.800 quilômetros que atravessa o Cazaquistão, a Rússia, a Bielorrússia, a Polônia e a Alemanha, atendendo mais de 30 países e regiões.

A proposta da elaboração do corredor que ligasse a China, à Rússia e à Mongólia foi feita pelo presidente Xi Jinping em setembro de 2014, durante a primeira reunião dos três chefes de Estado. Segundo o *site* do Escritório de Informações do Conselho Estatal da China, o Corredor Econômico China-Mongólia-Rússia (CECMR) cria uma plataforma abrangente para explorar o potencial e os pontos fortes das três partes, a fim de expandir as oportunidades de desenvolvimento benéficas para todos, promover a integração econômica regional e aumentar sua competitividade coletiva no mercado internacional. Nesse sentido, estão previstas sete áreas de cooperação, sendo o transporte a principal delas (*BELT AND ROAD PORTAL*, 2019).

O primeiro-ministro da China, Li Keqiang, propôs em maio de 2013 a construção do corredor que ligasse a China ao Paquistão. Dessa forma, segundo o Escritório de Informações do Conselho Estatal da China (2020) o Corredor Econômico China-Paquistão (CECP) trata-se de uma rede comercial de rodovias, ferrovias, oleodutos e cabos ópticos e, com mais de 3.000 quilômetros de extensão, conecta o Cinturão Econômico da Rota da Seda, ao norte, e a Rota da Seda Marítima do Século XXI, ao sul. O Corredor conta com um investimento totalizando mais de US\$45 bilhões, e a conclusão da construção do CPEC está prevista para até 2030 (*BELT AND ROAD PORTAL*, 2019).

Um dos principais componentes da BRI é o Corredor Econômico China-Ásia Central e Ocidental (CECACO), iniciando em Xinjiang, na China, o corredor atravessa a Ásia Central antes de chegar ao Golfo Pérsico, ao Mar Mediterrâneo e à Península Arábica. O *site* do Escritório de Informações do Conselho Estatal da China informa que a Ásia Central e a Ásia Oriental são regiões ricas em recursos naturais, mas que fatores de infraestrutura dificultam o desenvolvimento local. Assim, atravessando 22 países da região, o Corredor irá impulsionar o desenvolvimento comercial local, promovendo uma vasta cooperação regional, exemplificando países como Cazaquistão, Irã e Arábia Saudita.

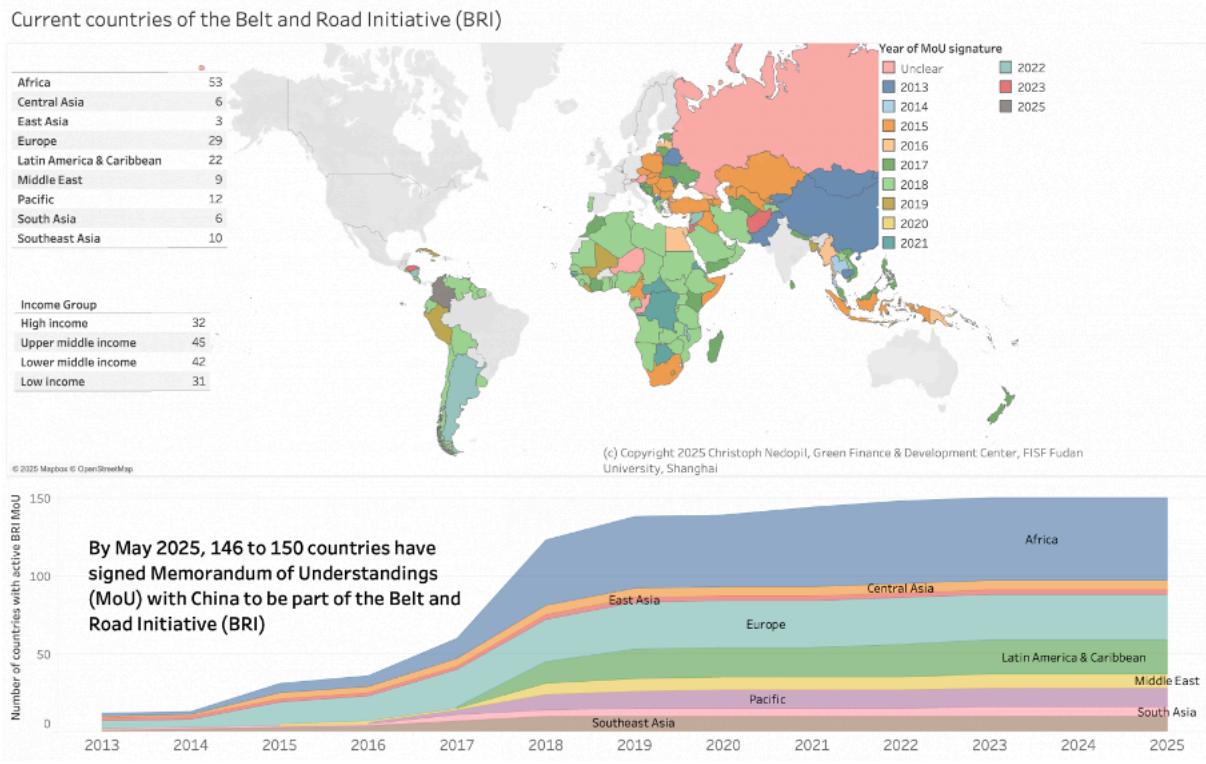
Segundo o portal do *Belt and Road Initiative*, espera-se que o Corredor Econômico China-Península da Indochina (CECPI) favoreça a cooperação entre a China e os países da ASEAN, como Vietnã, Laos, Camboja, Tailândia, Mianmar e Malásia. De acordo com o mesmo portal, houve progressos significativos e positivos na conectividade de infraestrutura e na construção de zonas de cooperação econômica transfronteiriças por meio deste corredor econômico. Dessa forma, o projeto visa conectar melhor as cidades da região com uma rede ferroviária e rodoviária para facilitar o fluxo de pessoas, mercadorias, capital e informações.

Por fim, o Corredor Econômico Bangladesh-China-Índia-Mianmar (CEBCIM) contempla o último dos seis corredores. A iniciativa da construção do corredor surgiu de uma visita do primeiro-ministro chinês Li Keqiang à Índia em maio de 2013, e visa a conexão comercial da China e da Índia, fortalecendo a conectividade regional. Bangladesh e Mianmar em seguida aderiram à proposta e os quatro países desenvolveram e planejaram uma série de projetos importantes em relação à construção de mecanismos e sistemas, conectividade de infraestrutura, cooperação comercial e de parques industriais, abertura no mercado financeiro internacional, intercâmbios interpessoais e culturais e cooperação para a melhoria do bem-estar da população (*BELT AND ROAD*, 2019).

Em outra perspectiva, acerca dos países signatários e membros do cinturão econômico chinês, o *Green Finance and Development Center* destaca que, em fevereiro de 2025, o

número de países que contemplam a BRI é 149, ao total. Segundo o mesmo portal, em mais de 10 anos do projeto, apenas dois países saíram da Rota, a Itália em dezembro de 2023 e o Panamá em fevereiro de 2025.

**Figura 2 - Países da Iniciativa Cinturão e Rota**



Como podemos observar pelo gráfico, a maior parte dos países que contemplam a Nova Rota da Seda pertencem ao Sul Global. A identificação da China com os países em desenvolvimento se dá pelo seu contexto histórico de colonização e interferência estrangeira. Estes países, em sua maioria, compartilham desafios históricos quanto a sua infraestrutura e desenvolvimento econômico, e assim são espaços propícios para o investimento e cooperação chinesa. Além disso, é refletida uma das características e propostas da BRI que é a cooperação entre os países, e reflete na promoção de um modelo de crescimento baseado na conectividade, inclusão, respeito à soberania e não intervenção (*VISION AND ACTIONS*, 2015), neste caso principalmente entre os países em desenvolvimento, e mostra que a China está buscando este espaço para expandir sua influência.

Segundo a autora Yiping Huang (2016), a comunidade internacional se divide quanto às opiniões sobre a BRI. Enquanto alguns compararam a Iniciativa com o Plano Marshall,

planos de ajuda econômica dos Estados Unidos à Europa pós-Segunda Guerra Mundial, outros a interpretam como um mecanismo de cooperação internacional, e não ajuda internacional financeira. Embora muitos acreditem que a China busca criar uma nova ordem hegemônica internacional, onde ela mantém o controle e domínio sobre outros, ou até mesmo implantar suas ideologias dentro dos países os quais cooperam economicamente, outros pesquisadores acreditam que a BRI pode ser a grande estratégia da China para aumentar sua influência econômica e geopolítica além da Eurásia. Podemos observar esse argumento no trecho extraído do artigo “China's One Belt One Road: An Overview of the Debate”, de Zhao Hong (2016):

“A iniciativa OBOR (Um Cinturão, Uma Rota) tem gerado ampla discussão na China, bem como diversas interpretações em nível internacional. Alguns observadores a consideram uma grande estratégia para expandir a influência econômica e geopolítica da China na Eurásia e em outras regiões, enquanto outros temem que a OBOR possa remodelar a governança econômica global e levar ao ressurgimento de uma Ásia dominada pela China (HONG, 2016, p.1, tradução nossa)”

Quanto à governança da *Belt and Road Initiative*, em comparação com outras iniciativas globais, é importante destacar que não há um princípio formal nem um secretariado de governança da BRI, de acordo com o *Green Finance and Development Center*. Porém, segundo o mesmo Centro, diversas instituições contribuem com os avanços e desenvolvimento do projeto, sendo atribuídas a elas diferentes responsabilidades.

**Quadro 1 - Governança da Iniciativa Cinturão e Rota**

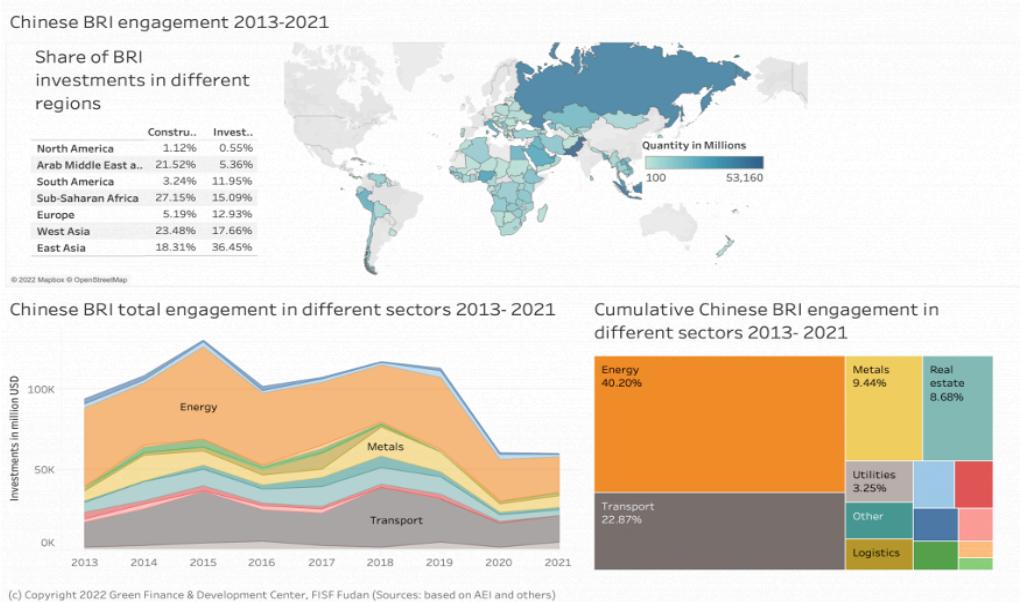
Instituições financeiras chinesas	Fundo da Rota da Seda, o Banco de Desenvolvimento da China, o Banco Exim da China
Instituições financeiras multilaterais	Banco Asiático de Infraestruturas e Investimento (BAII) e o Novo Banco de Desenvolvimento (NDB)
Bancos comerciais	Banco Industrial e Comercial da China (ICBC), o Banco de Construção da China ou o Banco Agrícola da China

Reguladores chineses	Conselho de Estado e Comissão Reguladora de Bancos e Seguros da China (CBIRC)
Banco Central chinês	Banco Popular da China (PBoC)
Ministérios chineses	Ministério do Comércio (MOFCOM), Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma (NDRC), Ministério das Relações Exteriores (MFA) e Ministério da Ecologia e Meio Ambiente (MEE)

Fonte: GreenFinance Institute, 2025 (Elaboração do autor)

Dessa forma, pode ser analisado que o financiamento e a construção dos projetos do *Belt and Road Initiative* são uma combinação entre recursos estatais e capital privado, em destaque para o protagonismo de bancos e empresas chinesas. Com isso, a maior parte dos investimentos financeiros é direcionada pelas instituições financeiras estatais da China, que oferecem empréstimos e financiamentos a taxas baixas para países parceiros da Iniciativa, como o Banco de Desenvolvimento e o Banco de Exportação e Importação (Exim), bem como, também, o Fundo da Nova Rota da Seda e canais de financiamento multilaterais, como o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB). Os investimentos são feitos aplicados aos países signatários da BRI e são principalmente voltados aos setores de energia, petróleo e gás, e de transporte, ferrovias e portos. Esses recursos podem ser feitos na forma de empréstimos (a juros mais baixos) a empresas estatais, linhas de crédito ou investimentos diretos (MENDONÇA *et al*, 2021). Em conjunto das construtoras chinesas e de governos locais, a China amplia sua zona de influência em diferentes aspectos, abrangendo, assim, seu poderio econômico e consolidando cadeias de suprimentos globais, exportando sua capacidade excedente de produção.

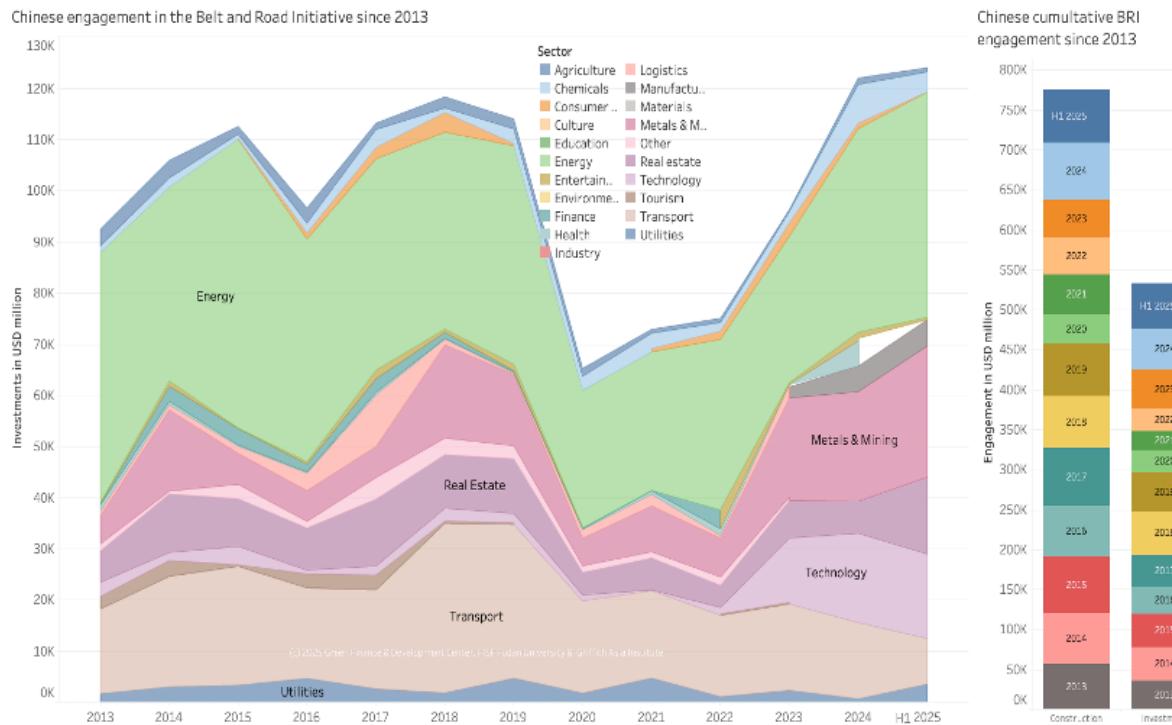
**Figura 3 - Finanças e investimentos da China na Iniciativa do Cinturão e Rota (2022)**



Fonte: Green Finance and Development Center, 2022

Embora o projeto tenha englobado uma ampla gama de setores, entre a implementação da BRI, em 2013, e o ano de 2021, observa-se que os principais engajamentos chineses se concentraram nos segmentos energéticos, em especial petróleo e gás, e de transporte, com destaque para a construção de rodovias, ferrovias e portos estratégicos, por exemplo. Essa ênfase reflete não apenas a busca da China por garantir segurança energética e diversificação de rotas de abastecimento, mas também a necessidade de consolidar corredores logísticos que facilitem o comércio internacional.

**Figura 4 - Compromisso de investimento da China BRI (2013-2025) H1**



Fonte: Green Finance and Development Center, 2025

Em relação à figura 4, pode-se observar que o setor que mais se destaca é o de energia, seguindo o histórico dos anos anteriores. Segundo o H1, relatório do primeiro semestre de 2025 do *Green Finance & Development Institute*, nunca houve tanto engajamento da BRI em um período de seis meses, significando US\$66,2 bilhões em contratos de construção e cerca de US\$57,1 bilhões em investimentos. Os investimentos em relação à energia, petróleo e gás aumentaram significativamente, revelando um aumento de 40 bilhões e 32 bilhões, respectivamente, em relação ao ano de 2024. Desse modo, em um cenário mais amplo, a movimentação chinesa da BRI atingiu US\$1,308 trilhão desde 2013, dos quais US\$775 bilhões em construção e US\$533 bilhões em investimentos.

Com o exposto acima, evidencia-se que os investimentos dentro dos projetos da Nova Rota da Seda aumentaram significativamente no ano de 2025, principalmente em relação aos investimentos com os países do Sul Global e fortalecendo a cooperação Sul-Sul para o desenvolvimento, além disso, observa-se o foco das transações em recursos primários energéticos. Isso implica diretamente no esforço da China em assegurar o abastecimento nacional do país, devido a alta demanda de recursos energéticos.

### **CAPÍTULO 3. SEGURANÇA NO ORIENTE MÉDIO: A PRESENÇA DA CHINA NO ORIENTE MÉDIO E A PROMOÇÃO DE SEGURANÇA NA REGIÃO**

Um dos interesses e ideais da China para a Nova Rota da Seda é a questão da Segurança em seus mais diversos sentidos como ramificações econômicas, geopolíticas, energéticas, e, principalmente levando em consideração a busca implacável por estabilidade de recursos de energia, como petróleo e carvão. A Nova Rota da Seda implica não somente questões de desenvolvimento e cooperação internacional, mas, também, sustenta a temática da segurança internacional, principalmente ao manter relações com países em conflito e, de certo modo, desafiar a hegemonia do Ocidente, em especial a dos Estados Unidos. Assim, visto que o pilar da segurança sempre foi um fator chave nas relações internacionais, é importante destacar a configuração atual da Ordem Mundial, em evidência a ascensão de novas dinâmicas emergentes.

Há uma dualidade acerca das interpretações sobre as verdadeiras intenções da ascensão da China. Por um lado, John Mearsheimer (2005), argumenta que a ascensão da China não será pacífica, implicando questões de segurança principalmente no Leste Asiático, já que a China buscará liderança regional, nesse sentido alterando a ordem regional. Essa liderança e domínio chinês no Leste Asiático levantaria uma reação dos Estados Unidos e de seus aliados na região, como Japão e Coréia do Sul, para conter esse poderio chinês. Desse modo, essas dinâmicas levariam a um tensionamento na região. A análise de Mearsheimer (2005) leva em consideração a ascensão de grandes potências anteriores, em sua maioria vindas do Ocidente, que ao alterar a ordem de poder vigente, levou a um conflito internacional. Porém, essa análise não considera que a China tem um ideal diferente do Ocidental, e que a potência Asiática se difere em vários aspectos, principalmente em relação a contextos históricos.

Em contraposição à abordagem realista, em uma análise mais liberal da ordem, e levando em consideração também os discursos e posicionamentos do próprio governo chinês, a Ascensão Pacífica ou Desenvolvimento Pacífico, entende-se que a China se manifeste e permaneça no cenário internacional evitando conflitos diretos, assim, buscando o desenvolvimento e cooperação, consequentemente gerando paz e estabilidade às diferentes regiões.

O crescimento econômico estrondoso da China se deu pela aliança de um Estado forte e centralizador, que contribuiu para que internamente o país tivesse mais estabilidade e

segurança, de modo que foi priorizada a conexão entre o desenvolvimento econômico e a segurança. Assim, o motivo pelo qual a China coloca o desenvolvimento em primeiro plano em sua iniciativa de construção da paz é devido às suas próprias experiências passadas de subdesenvolvimento econômico. Por ter passado por essa experiência em um âmbito doméstico, a China tende a espelhar esse tipo de conceito em sua política externa, priorizando a conexão entre o desenvolvimento econômico e a segurança (WONG, 2021).

O termo “*Developmental Peace*” foi primeiramente utilizado pelo acadêmico He Yin (2014), que defende uma atuação em dois pilares. O primeiro pilar da paz baseada no desenvolvimento é o desenvolvimento econômico, iniciado por um governo central forte. Já o segundo é ajuda sem quaisquer condições políticas. Nesse sentido, a China não tem em si uma intrínseca determinação de *developmental peace* em sua política, mas pode-se chegar a conclusão de que em sua atuação internacional, em especial dentro da Nova Rota da Seda, o país busca o desenvolvimento através de cooperação e financiamento econômico, porém sem infundir condições de interferência política e ideológica nos Estados. Desse modo, desde o início do século XXI, a China tem atuado diretamente na construção e na busca por paz dentro do Sistema Internacional.

A partir desse cenário, no entanto, um dos pontos de crescente tensão nas últimas décadas tem sido a “disputa”, ou competição estratégica, entre a China e os Estados Unidos. Seja pela questão econômica, já que a China se tornou o principal parceiro comercial de mais de 150 países, seja pela expansão e influência da China em regiões que os Estados Unidos majoritariamente têm presença histórica, como no Leste Asiático e no Oriente Médio. Por mais que não seja de interesse chinês enfrentar a grande potência ocidental, para os americanos, este ponto é uma questão de segurança nacional promovendo políticas de contenção à China em ascensão.

Um dos pontos centrais de poder dos Estados Unidos é o seu desenvolvido setor militar, sendo o país que de longe mais gasta e investe dinheiro nesse setor, o qual são movimentados US\$997 bilhões de dólares (STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE, 2025). Nesse sentido, a presença norte-americana no Oriente Médio é evidência da desde a invasão do Iraque (2003), motivada principalmente pós os ataques de 11 de setembro, o qual o combate ao terrorismo virou um pilar central de sua política interna (Bush, 2001), sendo esta projetada para sua política externa. Com a chegada da presença chinesa no Oriente Médio, é fundamental analisar a que se refere esse fortalecimento de laços e aproximação, e quais são as consequências e expectativas para o pilar da segurança na região.

Com isso, segundo Steven Simon, autor do artigo “*China and the Persian Gulf in the Aftermath of U.S Withdrawl*”, é preciso analisar que a movimentação, o interesse e o engajamento da China do Golfo Pérsico é motivada por quatro fatores: i) manter acesso aos recursos energéticos, como petróleo; ii) expandir o acesso ao mercado para comércio e investimento, em especial à infraestrutura, manufatura e telecomunicações; iii) desenvolver grandes projetos de infraestrutura para a *Belt and Road Initiative*; iv) demonstrar seu status de grande potência. Desse modo, o autor complementa que, portanto, é igualmente importante entender quais não são os motores da política chinesa na região.

Por outro lado, uma questão importante a ser mencionada é que os Estados Unidos da América durante décadas foram o ator externo dominante na região do Oriente Médio, e assim assumiram o papel de garantidor e estabilizador de segurança na região. Porém, com a ascensão chinesa e a diversificação de mercado, a China emergiu como significativo ator externo, e até mesmo principal parceiro dos Estados do Golfo Pérsico, principalmente enquanto investidor econômico, de comércio e de contratos (CALABRESE, 2023). Nesse sentido, pelo aumento da presença chinesa mundial, outro aspecto levantado por críticos à política externa chinesa é em relação à intenção da China em elevar a competição com os Estados Unidos da América a ponto de superar o país Ocidental e se tornar a principal potência mundial, assim criando uma Nova Ordem Internacional governada pelos chineses.

Diferentemente das motivações da presença norte-americana no Oriente Médio, para Simon (2021), Pequim não tem interesse em substituir os Estados Unidos como garantidores da segurança regional, atuando na intervenção de conflitos e engajando-se nos esforços de operações militares para proteger os interesses chineses. Conclui-se, desse modo, que a China procura benefícios econômicos da cooperação, mas sem ser o ator responsável pela questão de segurança e diplomacia.

Por estar localizado em uma região estratégica, que conecta o Norte da África com o Sul da Europa, e estar próximo ao leste asiático, o Oriente Médio é uma região de extremo interesse para os chineses, principalmente em relação à busca de petróleo, lucro e prestígio. Sendo a cooperação internacional e a conectividade uma das características da BRI, entende-se, nesse sentido, que o ambicioso projeto pode instigar a promoção da paz entre os países membros, porém, sendo estimulada através da cooperação e economia, não atuando e interferindo na política interna dos diversos países. A presença chinesa no Golfo Pérsico, ainda segundo Simon (2021), é definida principalmente por petróleo, lucro e prestígio. A China adotou essencialmente uma abordagem neo-mercantilista e transacional, explicada pelo autor pela busca de recompensas monetárias das relações econômicas, mas sem relação nos

riscos de segurança e militar; essa abordagem sensível de “*gain without pain*” atende aos interesses chineses. Além disso, o prestígio que o presidente Xi Jinping almeja tem relação com as grandes ambições globais de um maior papel chinês em uma ordem internacional que não é mais dominada pelos Estados Unidos.

Como um dos desafios enfrentados pela Nova Rota da Seda, o projeto deve lidar com três questões estratégicas: i) lidar com o excesso de capacidade; ii) a garantia dos recursos energéticos; iii) a busca da profundidade estratégica e fortalecimento da segurança nacional (WONG, 2016 *apud* BERNARDI, 2023 p. 26).

O desenvolvimento da Nova Rota da Seda também implica uma série de desafios e pode gerar possíveis mal-entendidos acerca da atuação do projeto. Para tanto, em sua tese de doutorado, Bernardini (2023) cita que, segundo Shang (2019), a China deveria esclarecer estes possíveis mal-entendidos, e para isso, os autores trazem como referência a lógica de Gong Ting (pesquisador adjunto do Instituto de Estudos Internacionais da China) sobre essa temática. Ao todo, o autor cita seis possíveis casos que poderiam gerar uma interpretação além, sendo estas: i) a cooperação ao invés da geopolítica; ii) através de uma ampla consulta, contribuição conjunta e benefícios compartilhados ao invés do domínio chinês; iii) abertura e inclusão ao invés de centralização da China; iv) o desenvolvimento comum em vez da versão chinesa do Plano Marshall; v) benefícios para os países ao longo da Nova Rota da Seda em vez dos interesses chineses no exterior; vi) a China sendo uma defensora da ordem internacional em vez de uma potência que busca marginalizar e enfraquecer os Estados Unidos.

“Embora o comércio de petróleo bruto continue sendo o cerne das relações entre a China e os países do Golfo, os laços econômicos entre eles tornaram-se cada vez mais densos e diversificados. A cooperação econômica abrange a contratação de projetos de infraestrutura, joint ventures e investimentos cruzados em energia tradicional e renovável, bem como a colaboração em setores não energéticos, que vão do turismo ao setor aeroespacial. Os interesses econômicos dos países do Golfo e da China também estão convergindo em uma área geográfica mais ampla, notadamente no Mar Vermelho e na África Oriental. De fato, devido à sua localização estratégica, o Golfo ocupa um lugar de destaque na Iniciativa do Cinturão e da Rota (BRI) da China, que, por sua vez, se alinha com as aspirações dos países do Golfo de integrar suas economias às cadeias de suprimentos globais.” (CALABRESE, 2023, P.102, tradução nossa)

Nesse sentido, verifica-se a consolidação de uma relação simbiótica na qual as iniciativas econômicas e os objetivos geopolíticos da China convergem com os projetos de

diversificação econômica e com a busca por maior autonomia na política externa dos países árabes do Golfo (CALABRESE, 2023). Ainda de acordo com Calabrese (2023), as posições que assumiram em resposta à intensificação da competição estratégica entre EUA e China foram condicionadas pela necessidade urgente de diversificar suas economias, pelo ceticismo quanto à confiabilidade dos compromissos de segurança americanos e pelo desejo de exercer maior autonomia em política externa. Nesse sentido, o investimento e as empresas chinesas já desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da infraestrutura de transporte e digital que os líderes do Golfo Árabe consideram essenciais para melhorar a eficiência, impulsionar as exportações e impulsionar o crescimento econômico.

De acordo com Simon (2017) e em relação ao acesso aos recursos energéticos, a China deu um salto exponencial da importação de Petróleo vindo do Oriente Médio. Em 1996 foram cerca de 1.2 bilhões de dólares, enquanto em 2019 foram cerca de U\$106.5 bilhões de petróleo importado dos países do Golfo Pérsico. Portanto, é de interesse da China promover a estabilidade em uma região que fornece mais da metade de suas importações de petróleo. Não com interferência interna na política, ideologia e no governo dos países, principalmente por conta de um dos princípios políticos da China de “não interferência interna”, mas sim, através dos projetos milionários de infraestrutura e comunicação.

Com isso, evidenciando o aumento das tensões em escala global a respeito da segurança, principalmente na segurança do Oriente Médio, é importante discutir a respeito da presença chinesa na região e como, ou se, a Nova Rota da Seda tem realizado um papel de promotor de segurança e estabilidade política na região.

### 3.1 Irã

A parceria sino-iraniana tem-se consolidado como uma das mais relevantes dentro do Oriente Médio. O Antigo Império Persa, historicamente uma das civilizações mais antigas e importantes do mundo, é um ator central e fundamental para a região, contendo enormes reservas de petróleo e gás natural, sendo assim um gigante produtor e exportador desses produtos, por ser uma potência do Oriente Médio, que tem fortes desentendimentos com os Estados Unidos da América, e, também, por sua política nuclear ser uma das mais fortes do mundo. Além disso, o Irã possui uma excelente posição estratégica, localizado no centro do Oriente Médio, conectando a região tanto por terra, quanto por mar - tornando-se assim um ponto de interesse para os chineses (SHARIATINIA; AZIZI, 2017).

Por conta das sanções internacionais que sofre, principalmente motivada pelos EUA (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA [s.d]), o Irã busca descentralizar e diversificar seus

parceiros comerciais, evitando assim causar uma relativa dependência econômica e diversificar seu mercado. Dessa forma, a China e a Nova Rota da Seda, surgem como oportunidades para o Irã desenvolver-se internamente e, possivelmente, criar condições internacionais favoráveis para o crescimento e o desenvolvimento econômico dentro de um contexto global. De forma a nível "macro", o Irã também considera a Iniciativa importante em termos do seu papel potencial na criação de um equilíbrio de poder na economia política internacional (SHARIATINIA; AZIZI, 2017)

Como visto anteriormente, a China está ocupando um papel central no Oriente Médio, visto a presença econômica marcante na região. Apesar de não ser do interesse da China interferir em assuntos internos dos países, mas sim focar em especial no aspecto de cooperação econômica, é inegável apontar que a China produz uma certa estabilidade política para o país, ao financiar e investir em infraestruturas e projetos a longo prazo, que demandam um efetivo esforço, tempo e gastos. Não é interessante, muito menos estratégico, para a China construir mega projetos em países que estão em conflito/ guerras. Por isso, a busca de uma estabilidade nacional, e regional, para os países é de extremo interesse para os planos chineses.

Assim, no aspecto político e de segurança, a cooperação sino-iraniana vai para além do aspecto econômico. Em 2021, os dois países assinaram um acordo de cooperação econômica e securitária, chamado de "Pacto de Cooperação Estratégica de 25 anos". Esse acordo tem como objetivo estabelecer uma parceria abrangente e de longo prazo, fortalecendo os laços políticos, econômicos e estratégicos entre os dois países<sup>2</sup>. É um interesse de mão dupla e de interdependência dos dois. Enquanto Beijing busca recursos energéticos para estabilidade e segurança energética, Teerã vê uma oportunidade de um parceiro extremamente importante na importação de maquinários, tecnologia e bens de consumo.

Por um lado, as relações com o Irã garantem acesso estável a recursos energéticos e, por outro, contribui para a diversificação das alianças de segurança e para a proteção de rotas comerciais estratégicas. Assim, fortalecida pela Nova Rota da Seda, essa parceria representa uma estratégia de ampliação de influência e segurança mútua, já que a China se posiciona como mediadora e promotora de estabilidade na região, ao mesmo tempo que expande seus interesses econômicos e geopolíticos no Oriente Médio.

---

<sup>2</sup> MIDDLE EAST INSTITUTE. O acordo de 25 anos entre o Irã e a China, que coloca em risco 2.500 anos de património. ., [S. l.], p. ., 1 mar. 2022. Disponível em: <https://www.mei.edu/publications/25-year-iran-china-agreement-endangering-2500-years-heritage>. Acesso em: 23 set. 2025.

No nível operacional e estratégico, pelas oportunidades e desafios enfrentados, a iniciativa será um instrumento fundamental nas relações sino-iranianas, fortalecendo economias e relações entre os dois países. Principalmente com acordos fundamentados nos cinco princípios da Nova Rota da Seda: coordenação de políticas, facilitação da conectividade, comércio desimpedido, integração financeira e laços entre pessoas (SHARIATINIA; AZIZI, 2017)

Com isso, as relações sino-iranianas têm ligações históricas, e, recentemente, nos últimos anos, têm reforçado os laços entre os dois países através da Nova Rota da Seda. Como uma iniciativa de cooperação e investimento em infraestruturas no país, o projeto tem como um de seus principais objetivos promover ligações comerciais e econômicas com o Irã, ao mesmo tempo que desenvolve internamente o país, incentivando a estabilidade nacional e desenvolvimento interno. É uma cooperação de ganhos e interesses mútuos, visto que a China consegue garantir acesso a recursos energéticos importantes, como o petróleo, e o Irã diversificar suas parcerias econômicas.

### 3.2 Arábia Saudita

Como esse trabalho buscou apresentar, a busca da China por cooperação e segurança energética é um dos principais interesses regionais para o Oriente Médio. As relações entre a China e a Arábia Saudita são principalmente movidas através do petróleo, em especial o petróleo bruto. Segundo a *Organization for Research on China and Asia*, a Arábia Saudita representa 18% das compras totais de petróleo bruto de Pequim, com importações totalizando 73,54 milhões de toneladas em 2022, no valor de US\$55,5 bilhões. Nesse sentido, a segurança energética para a China é bastante significativa em sua economia, principalmente ao tentar se voltar a um crescimento percentual após uma grande desaceleração econômica, e, também, para garantir a segurança quanto à diminuição da utilização do carvão, evitando assim outra crise energética nacional. Consequentemente, a parceria estratégica entre a Arábia Saudita e a China dá importância à manutenção de um mercado global de petróleo estável (ORGANIZATION FOR RESEARCH ON CHINA AND ASIA, 2023)

A China é o maior parceiro comercial da Arábia Saudita. Como mercado emergente, a Arábia Saudita demonstra grande potencial para adquirir produtos chineses com boa relação custo-benefício. O príncipe herdeiro saudita também considera a China um parceiro fundamental em sua agenda Visão 2030 e em seus ambiciosos megaprojetos, incluindo a megaciudadade de Neom, avaliada em US\$500 bilhões. Da mesma forma, a estatal China Energy Engineering Corp (CEEC) está construindo uma usina de energia solar de 2,6 GW em Al

Shuaiba, na Arábia Saudita, também de propriedade da ACWA Power, que será o maior projeto solar da Ásia Ocidental. A Arábia Saudita tem sido a maior receptora de investimentos chineses no âmbito da Iniciativa Cinturão e Rota (BRI), com uma média de US\$ 5,5 bilhões em negócios<sup>3</sup>.

As relações entre Pequim e Riad não são recentes. Como exemplo, em 2016, os países concordaram em aprimorar seus laços bilaterais para uma Parceria Estratégica Abrangente, que é o segundo nível mais alto de laços diplomáticos para a China. Essa relação tem consequências econômicas, diplomáticas e de segurança globais significativas. Consequentemente, a Arábia Saudita é o segundo maior exportador de petróleo para a China (SIMON, 2017).

Em relação a um aspecto mais diplomático, a atuação histórica da China sobre a mediação do acordo de paz entre Arábia Saudita e Irã significou mais uma vitória ao país asiático. Historicamente, a histórica relação de Riad e Teerã é marcada por diversas divergências políticas e por conflitos. Acerca da posição chinesa quanto sua presença diplomática no Oriente Médio e sobre o acordo de paz saudi-iraniano, John Calabrese (2023) argumenta 3 consequências: i) A iniciativa diplomática de Pequim significa a disposição de assumir um grau de responsabilidade pela estabilidade na região e pelos riscos a ela associados, algo que a China parecia fortemente inclinada a evitar; ii) a China não apenas se consolidou como principal parceira econômica estrangeira do Golfo, como também emergiu como um importante ator estratégico no centro da geopolítica da região; iii) o papel de Pequim na intermediação e garantia da détente entre Arábia Saudita e Irã ilustra que o aumento do envolvimento chinês com o Golfo pode ajudar a promover os interesses compartilhados dos Estados Unidos e da China em garantir a segurança energética e a estabilidade regional, mesmo que represente um desafio à primazia americana na região.

Segundo o Observatório de Pesquisa para China e Ásia, a integração da Arábia Saudita nos projetos da BRI no exterior tem consequências geopolíticas poderosas para ambos os países. Para a China, o sucesso da BRI na Ásia Ocidental depende muito da Arábia Saudita, pois ela serve como porta de entrada para o comércio e o investimento que conecta a Ásia, a África e a Europa. Para a Arábia Saudita, a BRI está alinhada com sua iniciativa Visão 2030, fornecendo infraestrutura crítica, acesso a novos mercados e uma oportunidade de se

---

<sup>3</sup> VAIDYA, Sae. ANALISANDO A PARCERIA ESTRATÉGICA ABRANGENTE ENTRE A CHINA E A ÁRABE SAUDITA. Organization for research on China and Asia, [S. l.], p. ., 28 fev. 2023. Disponível em: <https://orcasia.org/article/156/analysing-china-saudi-comprehensive-strategic-partnership>. Acesso em: 23 set. 2025.

afastar da economia dependente do petróleo, criando uma situação vantajosa para os dois parceiros.

### 3.3 Emirados Árabes Unidos

Segundo o portal China Briefing, os Emirados Árabes Unidos são o segundo maior parceiro comercial da China no Oriente Médio, atrás da Arábia Saudita, reportando que em 2023, o comércio bilateral entre os dois países atingiu cerca de US\$95 bilhões. Com isso, é evidente que a construção e o fortalecimento das relações entre os dois países têm crescido nos últimos anos, principalmente com a inserção e implementação dos projetos da Nova Rota da Seda no Estado árabe após 2018 (FULTON, 20219). Essa parceria estratégica abrangente, envolvendo a globalização e a diplomacia multidimensional (HUWAIDIN, 2022), se intensifica principalmente devido aos interesses mútuos dos países, a expansão da presença regional chinesa e as ambições geopolíticas, e também na motivação da instauração de estratégias de modernização e diversificação econômica por parte dos EAU.

Além disso, a localização estratégica dos Emirados Árabes Unidos, localizados no Golfo Pérsico, reiteram um ponto central logístico que liga à Ásia, à África e à Europa. Além de, também, serem um importante pólo tecnológico, centro financeiro e logístico, relacionando a posição que o Estado árabe ocupa em um contexto internacional favorecendo a conectividade e cooperação promovida pela BRI, promovendo as relações Sul-Sul para a colaboração técnica entre os países do Sul Global<sup>4</sup>.

O Porto de Khalifa, em Abu Dhabi, um dos maiores portos e pontos logísticos da região, abrangendo mais de 400 quilômetros quadrados, representa um dos locais mais importantes para o país. De acordo com o governo do país, com um amplo portfólio de setores, incluindo alumínio, automotivo, metais, processamento de alimentos, farmacêutico e polímeros, a região tem atraído diversos investidores para a instalação de grandes instalações, oferecendo uma variedade de opções de escritórios, armazéns e espaços comerciais e de varejo para indústrias pesadas e leves<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> INTERESSE, Giulia. China–United Arab Emirates (UAE): Bilateral Trade and Investment Outlook. China Briefing, 10 maio 2024. Disponível em: <https://www.china-briefing.com/news/china-united-arab-emirates-uae-bilateral-trade-investment-outlook/>. Acesso em: 18 out. 2025.

<sup>5</sup> MINISTÉRIO DA ECONOMIA E TURISMO DOS EMIRADOS ÁRABES UNIDOS. UAE and China agree to strengthen collaboration in new economy, entrepreneurship, tourism, technology, circular economy, aviation, and logistics transport. Abu Dhabi, 27 fev. 2024. Disponível em: <https://www.moet.gov.ae/en/-/uae-and-china-agree-to-strengthen-collaboration-in-new-economy-entrepreneurship-tourism-technology-circular-economy-aviation-and-logistics-transport>. Acesso em: 02 out. 2025.

Por outro lado, outro projeto destacado com um dos principais empreendimentos da parceria sino-emiratense é a Zona de Demonstração de Cooperação em Capacidade Industrial China–Emirados Árabes Unidos (JOCIC), liderado pela Jiangsu Provincial Overseas Cooperation and Investment Company. Localizado na Zona Industrial de Khalifa (KIZAD), esse projeto já recebeu investimentos de mais de 20 empresas chinesas, somando mais de US\$1,6 bilhão, e tem fortalecido, em especial, a cooperação industrial bilateral (INTERESSE, 2024).

A conexão entre os dois parceiros comerciais se fortalece ainda mais em 2024, durante a oitava reunião do Comitê Econômico, Comercial e Técnico Conjunto nos EAU, ao concordar em fortalecer a colaboração em diversos setores estratégicos, como economia, empreendedorismo, turismo, tecnologia, economia circular, aviação e transporte logístico<sup>6</sup>. A cooperação econômica entre as duas nações reflete um crescimento significativo, representado pelo número de licenças econômicas de empresas chinesas nos Emirados Árabes Unidos, que ultrapassa a quantidade de 14.500 licenças. Além de beneficiar setores de infraestrutura digital, inteligência artificial e tecnologias avançadas, ao se referir a BRI: com um investimento substancial de US\$ 10 bilhões, os Emirados Árabes Unidos contribuíram para um fundo de investimento conjunto China-Emirados Árabes Unidos com o objetivo de impulsionar projetos da iniciativa na África Oriental.

No quesito de segurança, os EAU oferecem condições à China sobre estabilidade e segurança energética, garantindo acesso a recursos petrolíferos, além de atuarem como um ponto logístico portuário, garantindo acesso marítimo estratégico, enquanto, por outro lado, a China proporciona aos Emirados Árabes a diversificação de parceiros econômicos, reduzindo à histórica dependência dos Estados Unidos, parceiro de longa data dos EAU, e ampliando sua autonomia diplomática e política, bem como se beneficiam das oportunidades de importação, exportação e reexportação.

---

<sup>6</sup> MINISTÉRIO DA ECONOMIA E TURISMO DOS EMIRADOS ÁRABES UNIDOS. UAE and China agree to strengthen collaboration in new economy, entrepreneurship, tourism, technology, circular economy, aviation, and logistics transport. Abu Dhabi, 27 fev. 2024. Disponível em: <https://www.moet.gov.ae/en/-/uae-and-china-agree-to-strengthen-collaboration-in-new-economy-entrepreneurship-tourism-technology-circular-economy-aviation-and-logistics-transport>. Acesso em: 2 out. 2025.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável destacar que a China ocupa um papel central nas relações internacionais atuais e que o mundo tem visto uma nova dinâmica de poder no sistema global. A ascensão em escalada da China é um objeto de estudo fundamental para o Século XXI, visto que balança ordens internacionais já existentes. O atual presidente chinês, Xi Jinping, não rompe diretamente com seus antecessores, mas reformula e molda a política chinesa de um modo mais assertivo, destacando os interesses nacionais com foco na nação chinesa, internacional e, também, os objetivos para o desenvolvimento internacional.

Com a pesquisa, conclui-se que a Nova Rota da Seda é uma ferramenta fundamental e intrínseca da política externa contemporânea da China. A Iniciativa é baseada em princípios cinco históricos, como respeito mútuo pela soberania e integridade territorial de cada um, não agressão mútua, não interferência mútua nos assuntos internos de cada um, igualdade e benefício mútuo e coexistência pacífica e, nesse sentido, está presente em mais de 150 países, incentivando a cooperação internacional com os diversos Estados, fornecendo projetos de infraestrutura e desenvolvimento ao redor do mundo. Para tanto, evidencia-se que a China promove a Nova Rota da Seda através de acordos de ganhos mútuos, no qual ambos os países se beneficiam desse projeto. Desse modo, a intenção da China é que a Iniciativa sirva como uma cooperação internacional, e não uma ajuda financeira.

Além disso, o aumento da relevância da China em organizações internacionais e instituições multilaterais, bem como a crescente presença chinesa nas operações de manutenção de paz da ONU, nos últimos anos também revela essa maior assertividade chinesa em assuntos de governança global e a busca por um maior protagonismo, que implica diretamente em questões de segurança regional. De certo modo, a China está presente em todas as regiões do mundo, e a expansão dessa influência reordena configurações internacionais já existentes. Como exemplo, foi analisada na pesquisa a escalada da disputa estratégica entre os Estados Unidos e a China. Historicamente, como a maior potência hegemônica ocidental, os EUA têm forte influência em diferentes países ao redor do mundo, em especial no Leste Asiático e no Oriente Médio.

Com isso, a presença chinesa e a Nova Rota da Seda no Oriente Médio promovem, em determinado nível, a questão da segurança na região, e, também, revelam uma estratégia de expansão de influência geopolítica, econômica e diplomática. Entende-se que a China não tem intenção de se tornar a mantenedora da paz dentro desses países, no mesmo nível que os Estados Unidos mantém com sua presença militar. Porém, ao investir em projetos de

infraestrutura e fortalecer relações comerciais a China, diretamente, atua como fomentadora do desenvolvimento desses países, consequentemente incentivando a manutenção da estabilidade nacional e regional. Além disso, também observa-se a proatividade diplomática da China ao ser a mediadora do acordo histórico entre Irã e Arábia Saudita, com isso estabelecendo uma certa estabilidade securitária regional. Ao mesmo tempo, a China garante sua própria segurança estratégica, em especial a de recursos naturais e energéticos, ao estabelecer conexões táticas com os principais países exportadores de petróleo e centrais para o Oriente Médio, ao passo que expande sua influência e diversifica seu mercado.

**Quadro 2 - Análise sobre os impactos da Nova Rota da Seda no Irã, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos**

Eixo de Análise	Irã	Arábia Saudita	Emirados Árabes Unidos
Dimensão econômica	Novos investimentos em energia, transporte e telecomunicações; amplia capacidade iraniana de exportação e logística por corredores terrestres e marítimos da BRI.	BRI acelera implementação de megaprojetos vinculados à Visão 2030, incluindo infraestrutura, energia renovável e construção.	BRI transforma os EAU em corredor logístico fundamental, consolidando o país como hub marítimo global; atrai fluxos elevados de Investimento Direto Externo chinês, fortalecendo setores de alta tecnologia, finanças e manufatura; estimula a diversificação econômica e reforça os papéis de Dubai e Abu Dhabi como centros globais.
Dimensão geopolítica	Meio alternativo às sanções internacionais ocidentais; integração pela BRI posiciona o Irã como elo geoestratégico entre Ásia Central, Oriente Médio e Europa; aumenta o peso geopolítico iraniano ao	Amplia o protagonismo saudita dentro do projeto chinês para a Ásia Ocidental; a BRI reforça papel de Riad como ator central no equilíbrio de poder regional; favorece o reposicionamento saudita entre China e EUA, aumentando	BRI fortalece papel dos EAU como plataforma geoestratégica da China no Golfo; leva Abu Dhabi a reposicionar sua política externa com maior multipolaridade; consolida a inserção dos EAU como intermediário logístico chave.

Eixo de Análise	Irã	Arábia Saudita	Emirados Árabes Unidos
	vinculá-lo ao principal projeto estratégico chinês.	sua margem de autonomia estratégica	
Dimensão securitária	Estabilidade torna-se condição e resultado da BRI: maior envolvimento chinês demanda por pacificação interna e regional; infraestruturas estratégicas financiadas pela China exigem proteção ampliada das rotas energéticas; cooperação securitária sino-iraniana é fortalecida pela interdependência criada pela BRI.	Segurança energética global é reforçada pela integração das cadeias de abastecimento de petróleo-China; mediação chinesa entre Arábia Saudita e Irã reforça estabilidade regional necessária para a BRI; é fortalecida a atuação chinesa como estabilizadora regional.	BRI amplia a necessidade de segurança marítima e portuária nos EAU, levando à cooperação tecnológica e estratégica com a China; a estabilidade dos EAU é fundamental para corredores marítimos da BRI no Golfo.

Fonte: Elaboração do autor

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDELAZIZ, Amr. **China-UAE Relations in the Belt and Road Era**. ResearchGate, 2020. Disponível em:  
[https://www.researchgate.net/publication/342445468\\_China-UAE\\_Relations\\_in\\_the\\_Belt\\_and\\_Road\\_Era](https://www.researchgate.net/publication/342445468_China-UAE_Relations_in_the_Belt_and_Road_Era). Acesso em: 04 out. 2025.

**ABOUT the Belt and Road Initiative.** Disponível em:  
<https://greenfdc.org/belt-and-road-initiative-about/>. Acesso em: 01 maio 2025.

**BELT AND ROAD PORTAL. An Overview of Six Economic Corridors and Six Connectivity Networks.** 28 abr. 2019. Disponível em:  
<https://eng.yidaiyilu.gov.cn/p/88409.html>. Acesso em: 05 jun. 2025.

BERNARDI, Bernardo. **A nova rota da seda verde e a civilização ecológica: análise da estratégia ambiental chinesa para o século XXI**. Tese (Doutorado em Estudos Estratégicos Internacionais) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

BUSH, George W. **Address to the Nation on the Terrorist Attacks of September 11, 2001**. Washington, D.C.: The White House, 2001. Disponível em:  
<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/09/20010911-16.html>. Acesso em: 16 out. 2025.

CALABRESE, John. **The United States, China and the Gulf Arab States in the Era of Great Power Competition**. East Asian Policy, v. 15, n. 03, p. 98-114, 2023. DOI: 10.1142/S1793930523000235.

CHINA INTERNATIONAL DEVELOPMENT COOPERATION AGENCY (China). **A China realiza um desfile massivo do Dia da Vitória, prometendo desenvolvimento pacífico**. [S. l.], 3 set. 2025. Disponível em:  
[http://en.cidca.gov.cn/2025-09/03/c\\_1122435.htm](http://en.cidca.gov.cn/2025-09/03/c_1122435.htm). Acesso em: 12 out. 2025.

**COUNTRIES of the Belt and Road Initiative (BRI)**. Disponível em:  
<https://greenfdc.org/countries-of-the-belt-and-road-initiative-bri/>. Acesso em: 01 mai. 2025.

CRANE, Bret; ALBERTO, Chade; DUFFIN, Kristopher; ALBERTO, Conan. **Zonas econômicas especiais da China: uma análise da política para reduzir as disparidades regionais**. Regional Studies Regional Science, [s.l.], v. 5, ed. 1, 22 fev. 2018.

**Discurso principal do presidente chinês Xi Jinping no terceiro Fórum Cinturão e Rota para Cooperação Internacional**. Xinhua Português, 18 out. 2023. Disponível em:  
<https://portuguese.news.cn/20231018/3cf259b387b846d08d508de07ef662ae/c.html>. Acesso em: 29 mar. 2025.

ECONOMY, Elizabeth. **The Third Revolution**: Xi Jinping and the New Chinese State. Council on Foreign Relations, 2018. Disponível em: <https://www.cfr.org/book/third-revolution>. Acesso em: 04 out. 2025.

EMBAIXADA DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA NA REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. **Xi Jinping promete "grande renovação da nação chinesa"**. [S. l.], 30 nov. 2012. Disponível em: [https://mz.china-embassy.gov.cn/por/ssxw/201212/t20121201\\_6716416.htm](https://mz.china-embassy.gov.cn/por/ssxw/201212/t20121201_6716416.htm). Acesso em: 17 set. 2025.

FOLHA DE S. PAULO. **“Corrupção sob Jiang Zemin na China abriu caminho para ascensão de Xi Jinping.”** 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/11/corrupcao-sob-jiang-zemin-na-china-abriu-caminho-para-ascensao-xi-jinping.shtml>. Acesso em: 04 out. 2025.

FU, Jun. **Beijing’s Bet on Expansion**. Aspen Institute Central Europe, 16 nov. 2019. Disponível em: <https://www.aspeninstitutece.org/article/2019/beijings-bet-expansion/>. Acesso em: 08 jun. 2025.

FULTON, Jonatan. **Relações China-Emirados Árabes Unidos na Era do Cinturão e Rota**. Taylor and Francis Group, [s.l.], p. 253-268, 24 jun. 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21534764.2019.1756135?src=recsys>. Acesso em: 02 out. 2025.

GOLDSTEIN, Avery. **China’s grand strategy under Xi Jinping: reassurance, reform, and resistance**. International Security, v. 45, n. 1, p. 164–201, 2020.

GREEN FDC. **China Belt and Road Initiative (BRI) Investment Report 2025 H1**. 2025. Disponível em: <https://greenfdc.org/china-belt-and-road-initiative-bri-investment-report-2025-h1/?cookie-stat-e-change=1759193220946>. Acesso em: 04 out. 2025.

GUERSONI, Ana Clara Bernardes. **A Revolução Chinesa sob o olhar da violência externa durante o Século de Humilhação**. [S. l.], 27 jul. 2023. Disponível em: [https://encontro2023.abri.org.br/trabalho/view?ID\\_TRABALHO=1632](https://encontro2023.abri.org.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=1632). Acesso em: 8 nov. 2025.

HE, Yin. “Guifan jingzheng yu hubu – yi jianshe heping weili [Norm Competition and Complementation: A Case Study on Peacebuilding].” Guojiguanxi lilun [International Relations Theory], n. 4, p. 105–121, 2014.

HEIERMANN, Felipe Augusto. **A Política Externa da China Sob Xi Jinping nas Nações Unidas**: da passividade à proatividade nos assuntos internacionais. , [S. l.], v. 11, n. 1, p. 1-19, 4 maio 2022.

HONG, Zhao. **China's One Belt One Road: an overview of the debate.** Trends in the Southeast Asia, 2016.

HUWAIDIN, Mohamed Bin. **China's strategic partnership with the UAE: Foundation and prospects.** Comparative strategy, [S. l.], 15 fev. 2022.

HUANG, Yiping. **Understanding China's Belt & Road Initiative:** motivation, framework and assessment. China Economic Review, 30 jul. 2016.

HUNG, Ho-fung. **Rising China, Asia, and the Global South.** Revista de Economia Contemporânea, 2018.

ILHÉU, Fernanda. **A nova rota da seda marítima do século XXI:** os países de língua portuguesa na cadeia de valor global da China. [S.l.], [s.d.].

INTERESSE, Giulia. **China–United Arab Emirates (UAE): Bilateral Trade and Investment Outlook.** China Briefing, 10 maio 2024. Disponível em:  
<https://www.china-briefing.com/news/china-united-arab-emirates-uae-bilateral-trade-investment-outlook/>. Acesso em: 18 out. 2025.

LIU, Jian; ZHANG, Xuefeng. **China's Belt and Road Initiative: A New Form of Globalization?** Asian Journal of Comparative Politics, v. 3, n. 2, 2018. Disponível em:  
<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21681376.2018.1430612#d1e210>. Acesso em: 01 out. 2025.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA E TURISMO DOS EMIRADOS ÁRABES UNIDOS. **UAE and China agree to strengthen collaboration in new economy, entrepreneurship, tourism, technology, circular economy, aviation, and logistics transport.** Abu Dhabi, 27 fev. 2024. Disponível em:  
<https://www.moet.gov.ae/en/-/uae-and-china-agree-to-strengthen-collaboration-in-new-economy-entrepreneurship-tourism-technology-circular-economy-aviation-and-logistics-transport>. Acesso em: 02 out. 2025.

MENDONÇA, Marco Aurélio Alves de; LOPES FILHO, Carlos Renato da Fonseca Ungaretti; OLIVEIRA, Juliana Kelly Barbosa da Silva. **A NOVA ROTA DA SEDA E A PROJEÇÃO ECONÔMICA INTERNACIONAL DA CHINA: REDES DE FINANCIAMENTO E FLUXOS DE INVESTIMENTO EXTERNO DIRETO (IED).** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), [s.l.], 9 maio 2022. Disponível em:  
<https://repositorio.ipea.gov.br/entities/publication/59215d70-7764-4575-b66f-ea79407199ad>. Acesso em: 20 ago. 2025.

MIDDLE EAST INSTITUTE. **O acordo de 25 anos entre o Irão e a China, que coloca em risco 2.500 anos de património.** [S.l.], 1 mar. 2022. Disponível em:  
<https://www.mei.edu/publications/25-year-iran-china-agreement-endangering-2500-years-heritage>. Acesso em: 23 set. 2025.

MONTENEGRO, Renan. **Uma visão geral da política externa chinesa**: estratégias, atores e instrumentos. Brazilian Journal of International Relations, [s.l.], p. 297-329, 18 set. 2019. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/336820895\\_Uma\\_visao\\_geral\\_da\\_politica\\_externa\\_chinesa\\_contemporanea\\_estrategias\\_atores\\_e\\_instrumentos](https://www.researchgate.net/publication/336820895_Uma_visao_geral_da_politica_externa_chinesa_contemporanea_estrategias_atores_e_instrumentos). Acesso em: 16 set. 2025.

NATIONAL DEVELOPMENT AND REFORM COMMISSION; MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS; MINISTRY OF COMMERCE OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA.

**VISION AND ACTIONS ON JOINTLY BUILDING SILK ROAD ECONOMIC BELT AND 21ST-CENTURY MARITIME SILK ROAD.** [S. l.], 1 mar. 1015. Disponível em: Acesso em: 3 jun. 2025.

NEAC. **China-UAE Relations in the Belt and Road Era**. Disponível em:

<https://www.neac.gov.cn/seac/c103372/202201/1156514.shtml>. Acesso em: 01 out. 2025.

NEDOPIL, Christoph. **Countries of the Belt and Road Initiative**. Xangai: Centro de Finanças Verdes e Desenvolvimento, FISF Universidade Fudan, 2025. Disponível em: <https://greenfdc.org>. Acesso em: 01 maio 2025.

NYE, Joseph S. **Soft Power**: The Means to Success in World Politics. New York: PublicAffairs, 2004.

GLOBO, O. **“China pode demorar mais que o previsto para alcançar topo de emissões, afirmam especialistas”**. O Globo, 05 nov. 2025. Disponível em:

<https://www.oglobo.globo.com/mundo/noticia/2025/11/05/china-pode-demorar-mais-que-previsto-para-alcancar-topo-de-emissoes-dizem-especialistas.ghtml>. Acesso em: 20 out. 2025.

ORCASIA. **Analysing China-Saudi Comprehensive Strategic Partnership**. 2022.

Disponível em:

<https://orcasia.org/article/156/analysing-china-saudi-comprehensive-strategic-partnership>.

Acesso em: 23 set. 2025.

PAUTASSO, Diego; UNGARETTI, Carlos Renato. **A Nova Rota da Seda e a recriação do sistema sinocêntrico**. Estudos Internacionais, Belo Horizonte, v. 4, n. 3, p. 25-44, 2016. DOI: 10.5752/P.2317-773X.2016v4.n3.p25.

REUTERS. **“Irã e China fazem acordo para ampliar comércio e laços estratégicos: Presidente chinês é 1º líder a visitar o Irã desde o fim das sanções. Sanções internacionais contra o Irã foram levantadas em 16 de janeiro.”** G1, [s.l.], 13 jan. 2016.

Disponível em:

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/01/ira-e-china-fazem-acordo-para-ampliar-comercio-e-lacos-estrategicos.html>. Acesso em: 23 set. 2025.

**SILK Road**. 1 maio 2018. Disponível em: [https://www.worldhistory.org/Silk\\_Road/](https://www.worldhistory.org/Silk_Road/). Acesso em: 28 mar. 2025.

SIMON, Steven. **China and the Persian Gulf in the aftermath of U.S. Withdrawal.** Quincy Brief, n. 17, set. 2021.

STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE. **Aumento sem precedentes nos gastos militares globais, com forte crescimento nos investimentos na Europa e no Oriente Médio.** , [S. l.], 28 abr. 2025. Disponível em: <https://www.sipri.org/media/press-release/2025/unprecedented-rise-global-military-expenditure-european-and-middle-east-spending-surges>. Acesso em: 23 out. 2025.

THE ECONOMIST. **What happened around Tiananmen Square on June 4th, 1989?** 2021. Disponível em: <https://www.economist.com/the-economist-explains/2021/06/04/what-happened-around-tiananmen-square-on-june-4th-1989?>. Acesso em: 04 out. 2025.

THE STATE COUNCIL INFORMATION OFFICE. **What are six economic corridors under Belt and Road Initiative?** 4 ago. 2020. Disponível em: [http://english.scio.gov.cn/beltandroad/2020-08/04/content\\_76345602.htm](http://english.scio.gov.cn/beltandroad/2020-08/04/content_76345602.htm). Acesso em: 02 jun. 2025.

**TRÊS viagens do primeiro-ministro Zhou Enlai a países asiáticos e africanos.** [S.l.], [s.d.]. Disponível em: [https://www.fmprc.gov.cn/eng/zy/wjls/3604\\_665547/202405/t20240531\\_11367543.html](https://www.fmprc.gov.cn/eng/zy/wjls/3604_665547/202405/t20240531_11367543.html). Acesso em: 29 ago. 2025.

UNESCO. **About the silk roads. Silk Roads Programme.** Disponível em: <https://en.unesco.org/silkroad/about-silk-roads>. Acesso em: 02 jun. 2025.

VAIDYA, Sae. **ANALISANDO A PARCERIA ESTRATÉGICA ABRANGENTE ENTRE A CHINA E A ÁRABE SAUDITA.** Organization for Research on China and Asia, [s.l.], p. ., 28 fev. 2023. Disponível em: <https://orcasia.org/article/156/analysing-china-saudi-comprehensive-strategic-partnership>. Acesso em: 23 set. 2025.

WONG, Kwok Chung. **A Ascensão da Paz Desenvolvimentista na China: Uma Abordagem Econômica para a Consolidação da Paz Pode Criar uma Paz Sustentável?** , [S. l.], p. 522-540, 19 jun. 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13600826.2021.1942802>. Acesso em: 30 out. 2025.

ZHANG, Jian. **China's New Foreign Policy under Xi Jinping: Towards 'Peaceful Rise 2.0'?** [S.l.]: [s.n.], 2015.